

# GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — Collaboradores: Augusto Rocha,

Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Antonio Furtado, Anselmo Xavier, B. Machado, Bernardino Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Reis Damaso, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 9

Maio — 1882

1.º anno

## Francisco Maria de Sousa Brandão

Em 1876, a causa democratica alcançou na Europa um triumpho importante, que, no primeiro momento, pareceu grandioso e decisivo.

Houve em França eleições geraes de deputados; os partidos conservadores, que até ali estavam em maioria na assemblea legislativa, foram vencidos completamente pelo partido republicano. Agitou os corações verdadeiramente liberaes um estremecimento profundo d'alegria e esperança, e em todos os paizes civilizados foi saudado, com jubilo, o fausto acontecimento.

Em Portugal, o partido republicano resolveu aproveitar o ensejo de celebrar o triumpho, para se constituir publicamente. Com este intuito, deu-se, no dia 25 de março, um grande banquete de 150 talheres.

Esta solemniissima festa, que passará á historia, realison-se no sumptuoso palacio da rua do Alecrim, pertencente ao abastado, honrado e distinctissimo proprietario, o sr. Mendes Monteiro, que, a meu pedido, generosamente, o concedeu.

Presidiu o venerando ancião, Antonio d'Oliveira Marreca, tendo á sua direita o provado liberal, Gilberto Rolla, então coronel de artilheria e hoje general de divisão, e á esquerda o auctor d'estas linhas.

Sub-presidia á meza do lado esquerdo o talentoso deputado republicano, Elias Garcia, e devia sub-presidir a do lado direito o coronel d'estado maior, Sousa Brandão. Mas fôra a Hespanha em serviço do estado, para acordar com os engenheiros hespanhoes o ponto de junção, na fronteira, das linhas ferreas dos dois paizes; e todos lastimavam a sua ausencia.

A hora ajustada os convivas tomaram

os seus logares. As tres mais vastas salas do palacio estavam repletas de cidadãos. A musica tocou a Marselheza; depois o presidente começou o banquete, pronun-

e eloquente carta do grande e honradissimo escriptor, Latino Coelho.

Seguiu-se a refeição. Nos primeiros momentos, apesar dos factos anteriores, reinou nas salas um silencio, até certo ponto frio e preoccupado.

O acto que alli se realisava era grave. Pela primeira vez, o partido republicano de Portugal deixava as associações secretas e desfaldava em publico a sua bandeira; pela primeira vez, os echos das ruas de Lisboa, durante um longo serão, reprecitiriam, entre musica e palmas calorosas, os brados entusiasticos e estridentes de — viva a republica!

Os homens que alli estavam, á frente do movimento, eram quasi todos empregados superiores do estado; — todos arriscavam a sua posição. Na vespera o bispo de Vizeu, que havia pouco sahira do ministerio, — dissera, no Chiado, a alguns d'elles, falando do jantar republicano: — Quem fôr inutilisa-se.

Do lado da entrada sentiu-se de repente um rumor de vozes que augmentava, aproximando-se, e de subito rebentou uma salva de palmas, ao apparecer um velho de regular e robusta estatura, phisionomia alegre e modos singelos.

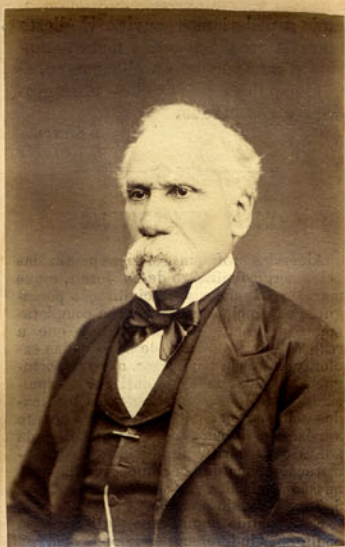
Era Sousa Brandão. Regressava da sua commissão official em Madrid, e vinha assistir ao jantar republicano.

Este inesperado incidente deu á solemnidade notavel relevo e grande entusiasmo.

ciando um discurso, em que se revelava o sabio profundo e o republicano provado e convicto. Foi coroado d'applausos.

Leram-se telegrammas d'adesão de bons republicanos de diversos pontos do paiz e no mesmo sentido uma primorosa

Francisco Maria de Sousa Brandão nasceu em 11 de maio de 1818, na casa de Murtosa, freguezia do Mosteiro, concelho



FRANCISCO MARIA DE SOUSA BRANDÃO

da Feira. Seu pai Manoel Ferreira de Sousa Brandão era um bom proprietário de provincia, mas, cousa então rara, instruido e dado aos estudos geographicos.

Sousa Brandão, que viria a ser um engenheiro de caminhos de ferro distinctissimo, de natureza sadia e espirito inquieto, prompto sempre a percorrer o paiz em todos os sentidos, para determinar a melhor directriz d'uma nova linha; — começou desde a primeira infancia as suas, depois constantes, digressões.

Sabiu da casa paterna para a de seus tios em Ossella, nas margens do Caima; voltando annos depois, concluiu os estudos de primeiras letras; passou em seguida a Lamego a frequentar humanidades, no Seminario, habituando com seu tio, Pantaleão de Sousa, conego n'aquella cidade, e que foi para elle um segundo e desvelado pai.

Não obstante ser padre e conego, era Pantaleão de Sousa, um espirito levantado e liberal: morreu aconselhando o sobrinho, a que seguisse a carreira das armas e defendesse a causa da liberdade.

Para ella o chamavam, por modo irresistivel, o coração e o sangue.

Estava-se em 1833, e no anno antecedente, em Vizeu, um outro irmão de seu pai, tambem padre, José Maria de Sousa, fôra fusilado por liberal.

A luta entre a causa do progresso e a da reacção empenhava-se, n'aquelle momento, com toda a violencia, no cerco do Porto; sobre a cidade heroica choviam as granadas miguevistas.

Sousa Brandão atravessou as linhas como ponde; penetrou na cidade; apresentou-se no quartel general, e assentou praça, em 26 de fevereiro de 1834: — ainda não tinha desasseis annos.

Em 26 de março, entrou em fogo em Santo Thirso; em 2 d'abril, tomou parte vigorosa no ataque da Lixa, e, continuando na divisão do bravo conde de Villa Flor, entrou em todos os recontros até ao dia 16 de maio, em que se feriu a batalha gloriosa e decisiva d'Asseiceira.

Seguiu no exercito liberal até Extremoz, e ali recebeu a noticia da convenção de Evora Monte, de 26 do mesmo mez.

As cohortes realistas deposeram as armas, e, no dia 1 de junho, D. Miguel embarcou para Italia.

Quasi imberbe pois, pertenceu Sousa Brandão á pleiade dos heroes da ultima parte da grande epopeia militar que deu a Portugal a liberdade moderna.

Terminada a guerra, encerrado o periodo da acção violenta, fabricitante, gloriosa, viu Sousa Brandão que tinha ante si a vida, e que o seu espirito, levantado e irrequieto, não se acomodava á existencia, monotona e paciente, do subalterno na fileira. Em 1836, foi matricular-se na academia polytechnica do Porto; e seguiu depois o curso d'estado maior da eschola do exercito em Lisboa. Terminou-o em 1842, tendo sido sempre um estudante muito applicado e de viva intelligencia.

Voltou ao exercito; e em 1843 foi no-

meado tenente do corpo d'estado maior.

As ideias liberaes que, desde os primeiros tempos da mocidade, lhe haviam brotado do coração, e que, o decorrer dos annos e o estudo, lhe tinham enraizado e ampliado no espirito, não lhe permitiram soffrir, obediente e submisso, a reacção politica, de dia para dia mais despotica, que, desde 1842 com uma sedição mesquinha e traçoicoiro, Antonio Bernardo da Costa Cabral, enthronisára no paço das Necessidades, revogando a avançada constituição de 4 de abril de 1838, e restaurando a carta constitucional, já então velha e obsolecta. Ligou-se Sousa Brandão, intimamente, aos espiritos mais generosos e ardentes do partido setembrista, a Cesar de Vasconcellos, general Passos, José Estevão, e entrou, com todo o enthusiasmo e fogo dos seus 26 annos, na revolução de Torres Novas.

Malogrou-se em breve o prematuro movimento, terminando pela capitulação d'Almeida, e obrigando muitos dos sublevados a emigrarem para Hespanha.

Sousa Brandão foi d'este numero, e deve ao revez, militar e politico, que soffreu, a elevada posição que occupa na engenharia portugueza.

Da nação visinha passou a Paris, onde frequentou a eschola de pontes e calçadas, regressando a Portugal em janeiro de 1848.

\* \*

Preparava-se então em França, para rebentar dentro em poucos dias, a revolução, um tanto romantica e ingenua, mas de boa fé, generosa e humanitaria, que destronou Luiz Philippe e por alguns mezes mostrou á Europa, inebriada, o systema republicano em toda a sua pureza radiante. Ao clarão immenso e resplandecente da revolução de Paris de 1848, todos os thronos europeus se assombraram, e muitos cahiram fulminados. — Era o lampear prematuro e ephemero da auroa da liberdade humana; apagou-se em breve: — o dia, a claridade verdadeira do dia ainda vinha longe. . .

A revolução de 1848 serviu, porém, para aquecer e vivificar a alma fria e entristecida dos povos.

Sousa Brandão, voltando á patria, trazia no espirito o reverber da grande ebbolição das ideias politicas e sociaes. De liberal avançado, que fôra, voltava republicano, e voltava socialista.

Todavia a adversidade havia-lhe ensinado a prudencia e mostrado a inutilidade de sublevações extemporaneas; além d'isso, por muito tempo ausente do seu paiz, encontrou esmorecidas as suas velhas relações, e deslocado o centro do espirito revolucionario, tanto nas ideias, como nas pessoas. A aspiração politica do partido popular, — que pouco antes fôra vencido pelos estrangeiros, chamados a Portugal por D. Maria 2.<sup>o</sup> e o conde de Thomar, — já não era deitar a baixo o ministerio e reformar a carta, mas sim derrubar o throno e proclamar a republica; os chefes, já eram outros, mais radicaes, mais democratas e envoltos em maior mysterio.

Posto que Sousa Brandão professava as

novas ideias, e que, apenas chegou, se declarou d'ellas soldado dedicado, não houve tempo de o receber no foco da conspiração que se tramava. Foi obrigado a entrar no serviço publico, e, quando os acontecimentos reacconarios de França frustraram os preparativos da projectada revolução e a perseguição sobreveio, achava-se exercendo o cargo de director d'obras publicas, nos districtos de Viseu, Villa Real e Bragança, para que havia sido nomeado em 1849.

Não durou muito esta commissão.

A rapida revolução de 1851 rebentou em Lisboa; retirou para Coimbra, onde, por um momento, se mostrou vencedora; mas ia a extinguir-se, caminho da fronteira, quando inopinadamente triumphou, em todo o paiz, pela sublevação do Porto, a voz de Passos José e sob o commando do marechal Saldanha.

Foi expulso de vez o governo do conde de Thomar; e, posto que só imperceptivelmente se reformou a carta, iniciou-se uma nova era de civilização, que longa e propicia paz hafejou, por largos annos.

Chegou então o predomínio da engenharia civil, e imperou a febre dos melhoramentos materiaes.

Os conhecimentos especiaes de Sousa Brandão e a sua aptidão, desde logo notada, foram aproveitados. Tendo, em setembro de 1852, tomado parte nos estudos do caminho de ferro de Leste, foi mezes depois, nomeado presidente da commissão encarregada d'estudar o caminho de ferro do Norte, sendo-lhe distribuida a elaboração do projecto do Porto a Coimbra, trabalho em que se tornou distincto.

Desde então, — tem sido, constantemente, encarregado de trabalhos d'engenharia, relativos a caminhos de ferro.

Esteve algum tempo fiscalizando, por parte do governo as primeiras construcções das vias ferreas do Alemtejo; e dirigiu os estudos do caminho de ferro de Vendas Novas a Evora e a Beja. Elaborou tambem os estudos do caminho de ferro do Douro, do Minho, da Beira Alta, da Beira Baixa e ultimamente os de via reduzida ao norte do paiz. Tem sido, por vezes, inspector d'obras publicas; agora já elevado ao posto de coronel d'estado maior, é vogal supplente da junta consultiva, havendo-lhe sido ultimamente confiada a inspecção do caminho de ferro da Beira Alta, antes de abrir a via ao serviço publico; commissão importante e de grave responsabilidade.

Por esta rapida enumeração, vê-se que todos os governos, desde 1852, ha trinta annos, hão aproveitado a subida e especial intelligencia de Sousa Brandão, para os estudos dos caminhos de ferro. E' que este distinctissimo official, conhecendo perfeitamente a topographia do paiz, pelo seu incessante jorndear desde a infancia, tem a vista superior do engenheiro e a rara intuição da melhor directriz das vias ferreas: — traçado por elle feito é, quasi sempre, depois de estudado pelos seus collegas, discutido e por vezes combatido por elles, o adoptado por fim, o frequentemente o unico a adoptar.

Na sua profissão scientifica e technica,

é esta a qualidade mais notavel de Sousa Brandão; possui-a porém em tão subido grau que se ha tornado um dos mais conhecidos e superiores engenheiros de caminhos de ferro da peninsula, sendo o seu nome muito estimado e respeitado na Hespanha.

Mas o emigrado d'Almeida e o escolar de Paris, que, quando estudava com tanto aproveitamento as sciencias physicas, se applicava tambem, com singular predilecção, aos estudos economicos, e travava relações com Considerant e Hacnquin, não podia em Portugal limitar o espirito irrequieto á applicação da engenharia. Tinha a alma democratica; sentia-a agitada com as novas idéas sociaes e politicas; soffria com a miseria das classes prolectarias; devorava-o o desejo de trabalhar directamente para as elevar; e acreditava que o socialismo, que tão fundo entrara no conhecimento dos males da humanidade, já formulara os remedios para os curar.

O estudo e a applicação em que estava das sciencias positivas, e o bom senso da sua intelligencia pratica não o deixaram todavia perder-se nas abstracções, por então mal definidas e irrealisaveis, do socialismo, e dedicou-se, principalmente, ao ponto mais exequivel e proficuo, ao desenvolvimento, nas classes operarias e menos abastadas, do vasto e fecundissimo principio da associação.

Por este lado tem sido Sousa Brandão utilissimo ao seu paiz; durante dezenas d'annos, foi um dos apóstolos mais fervorosos e benemeritos do grande principio.

Apenas regressou a Portugal, com o talentoso e desventurado Lopes de Mendonça e o dedicado Vieira da Silva, publicou o *Ecco dos operarios*, primeiro jornal socialista que viu a luz publica em Lisboa; as vantagens da associação eram o principal thema dos seus escriptos; e breve começou a aggremiar os operarios em associações, onde as noções economicas e as questões de salario, de mutuo auxilio, d'ensino primario e profissional começaram a ser tratadas em amplas discussões, pelos proprios interessados, por essa população laboriosa das fabricas e das officinas, até então votada, pelas classes dirigentes, ao obscurantismo e ao silencio.

D'uma das suas multiplicadas, muitas d'ellas ephemeris, mas todas proficuas tentativas, nasceram o Centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas, de que foi um dos principaes fundadores, e as associações de soccorros mutuos, que, rapidamente, se propagaram, desde 1851, primeiro em Lisboa e Porto, depois em todo o paiz, e de que foi benemerito iniciador.

Concorreu tambem para a fundação d'associações de instrução e para a criação de sociedades anonyms bancarias, no intuito de proporcionar capitais ás classes laboriosas.

Levando mais longe as suas idéas socialistas, sempre firmado no grande e democratico principio da associação, — estabeleceu as sociedades cooperativas.

Tinham, no estrangeiro, em França principalmente, dado mui vantajosos resultados, e eram a visão mais querida do seu espirito philantropico e emancipador. Dedicou-se a esta formula largos annos, sacrificando-lhe tempo, trabalho e capitais.

Encontrei-o de perto n'esta luta, e admirei-lhe a tenacidade, a boa le, a paciencia, a abnegação.

As cooperativas exigiam nos associados um grau de educação especial, que apenas agora vai sendo attingido pelos operarios portuguezes, por largos seculos, abandonados á ignorancia, ao fanatismo e á regulamentação official do antigo regimen. Por tanto a maior parte das primeiras tentativas abortaram, com sensivel prejuizo dos iniciadores mais dedicados.

Espero, porém, que o futuro as ha de ver prosperar. Das raras cooperativas que se salvaram das primeiras experiencias, duas existem em Lisboa em estado realmente promettedor: — é a sociedade cooperativa de tecidos em Alcantara, — e a denominada *Industria social*, de serralharia e fundição, no Aterro, junto á rampa de Santos, fundada, principalmente, por Sousa Brandão.

Das suas idéas socialistas ha ainda uma valiosa affirmação: — é o seu opusculo intitulado *Economia social*, trabalho de 182 paginas, bem pensado, que teve grande voga em 1857, quando se publicou, e cujas doutrinas, posto que nem sempre acceptaveis, são sempre ditadas pelo louvavel intuito de melhorar a sociedade.

Sousa Brandão escreve e falla com facilidade e clareza; é dotado de vasta instrução, e possui um caracter lhano, tolerante, bondoso e de provada integridade.

Este homem benemerito, que tão valiosos e especiaes serviços ha prestado ao seu paiz, já dirigindo os estudos de quasi todos os nossos caminhos de ferro, já directamente ao prolectariado pelo vasto incremento que deu ao principio d'associação, base de todo o progresso, — apenas uma vez, foi elevado ao parlamento, onde os seus conhecimentos tão util o tornavam sempre. Foi em 1863, em que, sendo ministro do reino Julio Gomes da Silva Sanches, o governo permitiu que os seus amigos e patricios do circulo da Feira o elegessem deputado ás côrtes.

Um mez depois d'aberto o parlamento, cahia o ministerio, e Sousa Brandão, até ao fim da legislatura, em 1868, esteve na opposição, combatendo, nos assumptos da sua competencia, o gabinete regenerador, cujo systema politico era o mesmo, posto que um pouco menos agravado, que hoje vemos imperar, com estranheza e magua, na gerencia dos negocios publicos.

Sousa Brandão, na politica, tem seguido sempre, em campo mais avançado, a linha recta da logica inflexivel do seu espirito. Em 1833 militava no exercito liberal. Em 1836 era setembrista puro. Em 1844 combatia com as armas, a politica conservadora de D. Maria 2.<sup>a</sup> e do conde de Thomar. Em 1848, voltando de França, era soldado, posto que obscuro, da causa republicana. Em 1851, aceitava, com todo o partido avançado, a revolução de Saldanha e Passos. Em 1856 entrava nas fileiras do velho partido reformista, fallando nos comicios e escrevendo em diversos jornaes, contra o espirito de reacção e prodigalidade, que se apoderara do partido regenerador. De 1867 a 1868, com a mais velha linha da nova geração, tomava parte no espontaneo e grande movimento popular, que vulgarmente se intitulou a *gajevirinha*. De 1869 até 1872 fez parte do honrado partido reformista, que, por um momento, conseguiu introduzir no governo do estado dois principios, que deviam n'elle ser vellos e permanentes, e que só mal e mui transitoriamente n'elle se hão adoptado: — a economia e a moralidade. Em 1873, quando em Hespanha se proclamou a republica, Sousa Brandão era chamado, pelo author d'estas linhas, a casa do prestante e chorado hygienista, o dr. Manoel Thomaz Lisboa á primeira reunião iniciadora da nova propaganda democratica. Em 1876 enfim, organisavamos todos, publicamente, o partido republicano portuguez, — onde Sousa Brandão, ha trilhado, constantemente, a senda recta e pura, sempre com abnegação e sempre dedicado.

BERNARDINO PINHEIRO.

### DEUS EXISTE ?

Tudo silencioso ! A lua  
Corta o azul do firmamento !  
Não corre um sopro de vento,  
Nem as brisas soltam ais !  
E noite amena d'esto !  
Os pobres, os vagabundos,  
Dormitam sonnos profundos  
As portas das cathedraes !

De tantos um só, um velho,  
Ainda velava : suspirava,  
Geme, pranteia, delira,  
Nos braços de atroz soffrer !  
Algoem passava : deleve-o  
Do triste a vez tão pungente.  
Julgava o deus um crente...  
E ouvia o velho dizer :

«Eu tinha encantos na vida !  
«Cria que um deus bom e justo  
«Me dera um braço robusto  
«E as atticias do meu lar !  
«Eu tinha estremosos filhos !  
« — Os meus mais lindos thesouros !  
«Anjos de cabellos louros !  
«Os santos do meu altar ! —

«Eu tinha uma esposa terna  
«Na mão que muito lhes qu'ria !  
«Tinha os mundos da alegria  
«Na mansarda dos plebeus !  
«No via no longe os desgostos,  
«Nem os prantos da amargura !  
«Osculava-me a ventura !  
«E eu podia crer em deus !

«Disseram-me : deus é grande!  
«Do nada creou os mundos !  
«Formou os mares profundos  
«E as montanhas collossaes !

• É deus quem enche de aroma  
• Os calces das florinhas !  
• Quem ensina ás avesinhas  
• Os trinos seus festivos !  
  
• É só deus quem pôde dar-te  
• Limito ás tuas dores !  
• Quem te affasta os dissabores  
• Que ao longe passando vés !  
• Todo o bem que tu disfructas,  
• Do lar a tranquillidade,  
• Só dependem da bondade  
• Desses deus em que tu crês !

• Eu, ajelhando nos templos,  
• Levado pela cequeira,  
• Orava ao deus de madeira  
• Que preparam n'uma cruz !  
• Um dia, porem, as trevas  
• Fogiram do raciocínio !  
• Da razão veio o domínio !  
• No meu cráneo fez-se a luz :

• Jazia n'um pobre leito  
• A bóa, a meiga consorte,  
• Das frias garras da morte  
• Tentando ainda fugir !  
• Eu e meus filhos entramos  
• No templo do deus bondoso !  
• Mas o orar do afflicto esposo  
• Elle fingiu não ouvir !

• Quando voltei á choupana  
• Onde a ventura fuzira  
• Onde a esposa me sorria  
• Entre os afagos de amor...  
• Ouvi uns dobles funereos !  
• Vi um corpo inanimado !  
• Depois... do peito angustiado,  
• Saía-me um grito do dor !

• Correrá um anno. Os enlevos  
• Que en via nos filhos qu ridos  
• Foram tambem encovidos  
• Das sepulturas no pó !  
• Fora surdo ás preces minhas  
• O deus bom e omnipotente !...  
• En, velho, fraco, doente,  
• Vi-o (?) a fitar-me sem do !

• Ai ! que instantes dolorosos !...  
• Que prantos amargurados  
• Foram por mim derramados  
• Nas louças dos filhos meus !  
• Foi então que en disse ao mundo :  
• Não creio na Providencia !  
• Não creio, não, na existencia  
• D'um ser a que chamam deus !

• Não creí no eterno habitante  
• Das altas mansões etheras  
• Quem soffro as grandes misérias,  
• Sem os confortos de um lar !  
• Quem pede esmola aos que passam  
• Nas horas dos longos dias,  
• E á noite nas lages frias,  
• Vem os membros repousar !

• Callou-se o velho. Afastando-se,  
• O vulto desconhecido  
• Deixou ouvir um gemido  
• E uma lagrima limpou !...  
• Era tambem um faminto  
• Era tambem um descrente  
• Desses deus omnipotentes  
• De que a Igreja lhe fallou !

RENKAREDO.

**A democracia**

A democracia é a mais elevada aspiração do século XIX, é a mais grandiosa traducção do desejo universalmente concebido pelos homens, é o mais valente esteio da solidariedade humana, e, conseguintemente, o ponto primordial que serve de base a todos os governos rectos, justos e sabios.

Nas sociedades onde não impera a democracia, estabelece-se um notavel desequilíbrio entre as suas differentes classes. Esse desequilíbrio, manifestado muitas vezes por mil causas preponderantes, e fatalmente influenciado, nos paizes monarchicos, pelo privilegio de castas, deu no fim do século passado o triste espectáculo que ennodou a grande revolução franceza.

Em Portugal, alguns escriptores de mediocre valia e mesmo alguns parlamentares *soit disant*, teem procurado convencer-nos de que os nossos governos, os nossos fidalgos, e, diga-se francamente, a nossa realza, são ostensivamente democratas. Triste irrisão, que, de resto, põe patentes, sob a critica de quem imparcialmente observar o assumpto, o ridiculo e a falsidade de taes affirmativas. Se a realza, não podendo já invocar o *Omnis potestas a Deo*, para se impôr, se funda no privilegio do nascimento, para governar, como pôde ella apertar, sem escrupulo, a mão do plebeu e aceitar sem horror a *popularidade* com que uns fazedores de artigos e de historia a querem brindar ?

Como se podem dizer democratas os fidalgos apparatusos que em certos dias cobrem o peito de condecorações offerecidas ao desleixo, á insciencia, senão muitas vezes (quasi sempre) a quem mais lança ? Não procurarão esses senhores, por esse meio, fazer sobressair do centro da multidão as suas respeitaveis physionomias e os seus volumosos abdomens ? Não nos consta que elles se elevem pelo trabalho ou pelo saber. Mentem, portanto, dizendo-se *populares*...

A verdadeira democracia é a que dimina do povo. O mais são stultas blandicias com que os ambiciosos pretendem illudir os incautos.

Na Suíssa a democracia manifesta-se por maneira tal que não deixa a mais leve duvida sobre o respeito que aquella nação tributa á soberania popular. E de facto — democracia e privilegios de castas são incompativeis, e prova-o exuberantemente as ultimas eleições em Portugal. Nos circulos por onde se propunham deputados republicanos, succedeu que estes, apezar do seu incontestado merecimento e saber, foram derrotados, não pelos partidarios de uma idéa nobre, elevada e generosa, senão pelo partido de uma instituição, já no seu período decadente, pelo partido de uma familia, pelo partido de um homem, emfim.

Em Portugal a democracia reside simplesmente, nas sociedades obscuras e ignoradas dos proletarios, e nos homens que, dominando-os, fundam o seu poder na superioridade intellectual, na verdade que lhes guia os dictames, e na vida impoluita e austera que dão para exemplo dos seus promettimentos.

Fora d'isto tudo é erro e hypocrisia como de sobejo o mostra a *caridade official*.

EUGENIO SILVEIRA.

**CHRONICA**

Realisaram-se as festas do centenario de Pombal. Os estudantes podem e devem orgulhar-se d'esta grande obra, que a historia registrará no porvir com letras de ouro. — Glorificou-se o estadista, e trabalhou-se eloquentemente para o futuro.

Os republicanos tomaram uma parte activa n'este centenario, como nem mesmo o podiam deixar de fazer. E as festas foram tambem por isso declaradamente, desassombadamente republicanas.

Hurrah, pelos estudantes portuguezes !  
Hurrah, pela democracia !

O cortejo teve uma alta significação republicana.

O governo oppunha-se a que os centros tomassem parte no prestito. Então os republicanos adoptaram o expediente de collocar um pequeno ramo de perpetuas nas casas do caçaco. Reconheceu-se que dois terços dos individuos que iam na precissão civica levavam esse distinctivo. D'aqui os rancores de Arrobas, o illustre amigo d'el-rei, que, na terça-feira, á noite, sabiu para a rua damnado, furioso, feroz, commandando um troço de caceteiros, afim de consolidar as instituições em desequilíbrio.

Que risota, meus senhores, que risota com esse misero funcionario...

Mas Arrobas não é homem que desperdice o tempo. Elle andou, girou por essas ruas, por esses beccos, por essa immundicie e nada viu.

Virava-se para um lado e a hydra a apitar d'outro canto ; gritava aqui e ella a distancia a apitar novamente ; olhava para o mar o pesado conselheiro, e ella a fazer-lhe figas, a tocar a *Marselheza*, a dar vivas aos principaes homens do nosso partido, a consagrar n'um entusiasmo solemmissimo os grandes principios de humanidade por excellencia.

E o pobre homem raivoso, colerico a esperar e a morder-se, a morder-se... e ella a mangar com elle, a sorrir-se, como quem queria dizer ao insigne sustentaculo da realza :

— Deixa-te d'isso, e não sejas tolo...

O peor de tudo é que, ao lado da nota comica, ha sempre a nota tragica. E para coroar esta farga, ensaiada e posta em pratica pelo governo das tratadas infamantes e dos syndicatos immoraes, metteram-se no Limoeiro 29 individuos, unicamente, por que aprouve aos aguazis do governo civil, lisongear o paladar de seu patrião, amo e senhor, fugindo por elle uns mysteriosos zelos, uns zelos de ultima hora.

Podiam esses imbecis fazer o que muito bem entendessem e quizessem ! O que elles não poderam com certeza foi prohibir o cortejo ; o que elles não poderam com certeza foi evitar as calorosas e evidentes manifestações democraticas, que, por toda a parte, se faziam e ouviam ; o que elles não poderam foi cohibir que no passeio fluvial se tocasse a *Marselheza* e se dessem repetidos e frequentes vivas á Republica ; o que elles não poderam foi prender Bordallo Pinheiro de modo que elle não brindasse o publico com um numero do *Antonio Maria* esplendido e admiravel ; o que elles não poderam foi conter a corrente da opinião publica, um pouquinho superior ás suas fanfarronadas ridiculas, e por isso foram esmagados.

Ora pois, meus senhores : mais juizo, podendo ser...

SILVIO.